

## POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS E PROCESSOS DE INTEGRAÇÃO CULTURAL: O CASO DAS COMUNIDADES DE ORIGEM ALEMÃ NA REGIÃO DO VALE DO SINOS

Marília Andrade Torales<sup>1</sup>  
Maria Ines Dapper Fröhlich<sup>2</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa inscreve-se no campo dos estudos sobre políticas educacionais e culturais, mais especificamente nos estudos que abordam os processos de integração cultural no espaço educativo escolar. A metodologia, de base qualitativo-biográfica, foi utilizada como caminho para alcançar o objetivo de compreender o processo de integração cultural de um sujeito bilíngue, tomando como referência sua história de vida em analogia ao seu contexto histórico e social. Nessa perspectiva, buscou-se enfatizar o sentimento de rejeição gerado pelos conflitos vivenciados entre a cultura alemã e a brasileira, apresentando aspectos motivadores e os desafios desse processo de integração cultural. As referências vitais citadas são reais, focadas na imigração alemã no Rio Grande do Sul, mais especificamente na região do Vale do Sinos.

**Palavras-chaves:** Bilinguismo. Integração Cultural. Escola. Família.

### ABSTRACT

This research is related to cultural studies and educational policies, particularly the studies that address the processes of cultural integration in the educational school area. The methodology, the base quality biographical, was used as a way to achieve the goal to understand the process of cultural integration of a bilingual subject, considering as a reference his history of living in analogy to his historical and social context. On this perspective, it was tried to focus on the feeling of rejection generated by conflicts experienced between the German and Brazilian culture, featuring motivational aspects and challenges of this process of cultural integration. The references presented are real life, focused on German immigration in Rio Grande do Sul, more specifically in the Vale do Sinos.

**Keywords:** Bilingualism. Cultural Integration. School. Family.

<sup>1</sup> PhD em Ciências da Educação. Email: [mariliat@feevale.br](mailto:mariliat@feevale.br).

<sup>2</sup> Pedagoga e Professora da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria do Herval. Email: [mariainesdapper@yahoo.com.br](mailto:mariainesdapper@yahoo.com.br).

Este artigo é resultado de uma pesquisa monográfica que objetivou a compreensão do processo de integração cultural de um sujeito bilíngue em seu espaço escolar e comunitário. Nesse contexto, define-se como objeto de pesquisa a trajetória vital de um sujeito de origem germânica, considerando suas implicações com o contexto social e comunitário no qual se insere. Assim, tendo como referência os fundamentos dos estudos biográficos e como base empírica a reconstrução de uma história de vida, buscou-se a identificação do “eu” como produto de um processo histórico e social.

A reconstrução de uma história de vida foi um processo de significação e atribuição de sentidos ao vivido. Sendo assim, como estratégia de estruturação da narrativa, estabeleceu-se como dimensões do relato o que segue: antecedentes biográficos; experiências de infância; família e escola; experiências de adolescência; trajetória acadêmica e profissional.

A escolha de um estudo autobiográfico justifica-se pela importância do autoconhecimento para discutir as implicações do processo de integração cultural de um sujeito bilíngue em seu contexto escolar e comunitário, dando profundidade e sentido à influência da família, da sociedade e das experiências de vida na aquisição do saber de um sujeito.

Levando em conta a questão pessoal como eixo de significados de uma narrativa e como forma de organizar e dar sentido aos dados coletados, estabeleceu-se uma arquitetura organizacional, para balizar a análise dos dados e o alcance dos objetivos. Essas categorias são entendidas como dimensões de um cenário e têm o intuito de entender o sujeito e o processo de inserção no contexto social, significados estes que se articulam e dão um novo sentido ao vivido.

## **O PAPEL DA ESCOLA NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO CULTURAL**

A educação escolar constitui-se de estratégias intencionais, sistemáticas, planejadas e continuadas, as quais se diferem de processos educativos que ocorrem em outros espaços de socialização, como a família, o trabalho, o lazer e os demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social.

A cultura define-se como tudo aquilo que é produzido pelo homem e se manifesta por diferentes costumes, valores éticos e morais, sentimentos etc. A cultura também pode ser definida como um elemento social, sem possibilidade de desenvolver-se individualmente. Conforme Laraia (1997, p. 50), “a cultura é um processo cumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo”.

Entendida a escola como espaço de apropriação da cultura humana produzida historicamente e como instituição que provê a educação sistematizada, sobressai a importância das medidas visando à realização eficiente dos objetivos da instituição escolar, especialmente no que se refere ao processo de integração cultural.

A Educação é um meio pelo qual o ser humano busca a sua autorrealização. Nesse sentido, as políticas educacionais têm buscado aprimorar a qualidade do ensino no que se refere ao respeito às diversidades culturais.

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. De acordo com Libâneo (1994, p. 16), “a prática educativa é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades”.

## **AS RELAÇÕES FAMILIARES, PESSOAIS E INTERPESSOAIS NA PRESERVAÇÃO CULTURAL**

As relações humanas formam a essência do objeto de conhecimento, que só existe a partir de seu uso social. No entanto, a partir de um intenso processo de interação com o meio social e através da mediação feita pelo outro, o sujeito se apropria da cultura e o conhecimento ganha sentido. Segundo Klein (1996, p. 94), “[...] para chegar ao objeto, é necessário que o sujeito entre em relação com outros sujeitos que estão, pela função social que lhe atribuem, constituindo esse objeto enquanto tal”. Para o autor, o conhecimento só existe quando se estabelecem relações humanas.

Dessa forma, vale destacar que a interação social é o aspecto fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo, que, para Vygotsky (1998), traz a ideia da mediação e da internalização.

A interação entre as pessoas favorece a construção do conhecimento, tornando-se assim, importante desde a infância. Por consequência desse envolvimento acentuado com o meio, a criança apropria-se da cultura e estabelece um vínculo significativo, que vai evoluindo desde as formas elementares do pensamento para as formas mais abstratas, servindo de auxílio para conhecer e controlar a realidade.

A relação que a criança tem com as pessoas que a rodeiam influi ou mesmo determina suas atitudes no decorrer da vida. Por isso, é importante que a criança interaja com um meio favorável para a construção da sua identidade. Na vida do sujeito, o outro é tão importante no processo de construção do conhecimento como na constituição própria e na maneira de agir.

O ser humano, desde a sua infância, constrói sua identidade e os seus saberes, que são frutos da cultura familiar e que deveriam ser levados em conta no desenvolvimento do processo educativo. Uma postura positiva com relação ao aprender e ao estudar não acontece de uma hora para outra, nem de uma vez por todas: é um valor cultural que precisa ser permanentemente cultivado.

Nesse sentido, considera-se importante que a escola encontre estratégias adequadas para aprofundar conhecimentos sobre a cultura familiar dos estudantes e sobre a importância do idioma como manifestação cultural. Com base em ponderações anteriores, vale ressaltar que **rejeitar a língua de uma criança na escola é rejeitar a própria criança e suas possibilidades de construção identitária**. No caso das escolas do Vale do Sinos, especialmente na década de setenta, mensagens comunicadas com frases do tipo 'deixe sua língua e sua cultura do lado de fora da porta da escola' eram ditas a crianças oriundas de famílias germânicas, estabelecendo assim uma dinâmica de ruptura entre as tradições familiares e comunitárias e o espaço escolar.

Esse processo fez com que as crianças que viveram esse período deixassem uma parte central delas fora de seu processo de socialização escolar, suas identidades foram parcialmente colocadas do lado de fora da porta da escola. No processo educativo, considera-se relevante que o educador conviva com a realidade do aluno e tente compreender o contexto comunitário e social em que ele se insere. Como a escola só tem acesso

direto ao educando durante as poucas horas em que ele frequenta suas atividades, essa aproximação da realidade extraclasse se torna cada vez mais dificultada.

A vida em sociedade pressupõe a criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros do grupo social. A escola, por sua vez, também precisa de normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam, passando a ser compreendidas como condição necessária ao convívio social.

Enfim, pode-se considerar que a escola se configura em um espaço em que os alunos precisam interagir dialogicamente, opinando, debatendo, expressando-se e manifestando seus valores e suas atitudes, num ambiente de respeito e cooperação. Garantir a estruturação desses espaços coletivos faz parte do trabalho do professor, pois este é o responsável pela condução do processo de construção do conhecimento.

## A CULTURA COMO ELEMENTO INTEGRADOR DAS COMUNIDADES

Muito se debate sobre a importância de estimar os valores e os costumes familiares na escola. Contudo, quando a língua materna da criança é diferente do Português, essa relação entre a família e a escola se complexifica em diferentes aspectos, desde a preparação dos docentes na integração desses sujeitos ao ensino em uma outra língua diferente de sua língua materna.

Os grupos sociais distinguem-se por diversas características identitárias, dentre elas, o próprio uso da língua. Essas diferenças são acentuadas e tendem a se eternizar, conforme compara Bortoni-Ricardo (2005), afirmando que a distribuição injusta de bens culturais é paralela à distribuição de bens materiais e oportunidades, principalmente, a maneira de falar.

Essa afirmativa remete à análise dos cenários escolares, nos quais o conhecimento da realidade em que o aluno está inserido toma um relevo especial na estruturação da proposta de trabalho elaborada pelos docentes. Por isso, considera-se fundamental, para a realização de um trabalho pedagógico, o conhecimento da realidade dos alunos e das comunidades, propiciando-se, assim, momentos de acolhimento e integração ao grupo e à realidade

da escola. No texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), percebe-se uma preocupação com a integração dos alunos no que se refere à valorização da diversidade cultural da população, tendo em vista que “o não reconhecimento da diversidade faz com que toda e qualquer situação que não esteja dentro de um padrão previsto seja tratada como um problema do aluno e não como um desafio para a equipe escolar” (p. 42).

As diferentes deficiências encontradas na escola são reconhecidas nos PCNs (1998) e são, geralmente, conseqüentes de uma lacuna existente no sistema escolar. Nesses casos, poder-se-ia considerar que não é levada em conta a necessidade de acolhimento adequado dos alunos, considerando sua realidade linguística e social, como parte fundamental de sua constituição como cidadão. Para a complexidade das situações linguísticas que chegam às comunidades escolares, torna-se cada vez mais difícil encontrar soluções que se apliquem a todas as circunstâncias. Ao lançar-se um olhar para o futuro, percebe-se a problemática referente à multiplicidade de línguas, como expressão da diversidade cultural da humanidade, e os movimentos migratórios da população, que vêm aumentando no decorrer dos últimos anos, criando, sobretudo, novas situações linguísticas que acentuaram, ainda mais, essa diversidade. Nessa mesma linha, Delors (2001, p. 43) afirma que “a diversidade linguística não deveria ser considerada, unicamente como obstáculo à comunicação entre os diferentes grupos humanos, mas antes, como uma fonte de enriquecimento, o que vem reforçar a necessidade do ensino das línguas”. Reforçando ainda que as exigências da globalização e da identidade cultural não devem ser consideradas como contraditórias, mas como complementares.

Portanto, como forma de reconhecer a diversidade linguística como um desafio positivo aos educadores e para as políticas públicas educacionais, é preciso reconhecer que o respeito aos direitos de todos os cidadãos é a base para a constituição de sociedades democráticas. Nesse sentido, queremos nos deter nesse assunto, mais especificamente no bilinguismo, ao desenvolver uma série de considerações que emergem da análise de uma narrativa autobiográfica, balizadas pela explicitação de valores culturais em analogia ao cenário histórico e sócio comunitário no qual transcorre e se trama o nexo narrativo.

## O SENTIMENTO DE REJEIÇÃO...

O sentimento de rejeição nega a condição de integração, alimenta situações de conflitos, gera anseios que podem interferir nas atitudes e no desenvolvimento do sujeito no espaço onde está inserido. Em consequência dos múltiplos desafios que se incorporam ao contexto de complexidade social, a educação surge como uma possibilidade indispensável à humanidade para a construção de novas alternativas e de transformação da realidade. No que diz respeito à educação, a legislação brasileira está tentando contribuir para melhorar a qualidade da educação e determinar a responsabilidade da família e do Estado no dever de orientar a criança em seu percurso sócioeducacional. A esse respeito, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira é bastante clara. Segundo o art. 2 da LDB (9394 / 96), “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A escola, como entidade educativa, não pode assumir sozinha a responsabilidade quanto à educação da criança e, nesse sentido, fica claro que a escola e a família precisam compartilhar o processo de desenvolvimento sócioeducativo, tendo em vista que esse processo ocorre em momentos alternados entre a família e a escola, mas com objeto e objetivos comuns.

Como a escola tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, é preciso estimular que as estratégias de ensino promovam o fortalecimento de vínculos entre ela e a comunidade em que o aluno vive e da qual compartilha valores culturais. Com base nos dados da narrativa autobiográfica, poder-se-ia afirmar que a desvinculação entre a proposta pedagógica da escola e a realidade comunitária dificultou o processo de integração na escola, principalmente no que se refere aos aspectos linguísticos. No Vale do Sinos, até duas ou três décadas atrás, era bastante comum que os estudantes chegassem à escola dominando apenas o dialeto germânico que era falado nas famílias. Ao chegar à escola, essa diversidade era considerada como um problema ao projeto pedagógico pretendido e baseado em políticas públicas que consideravam o ensino

na Língua Portuguesa como única prioridade de manutenção do patrimônio linguístico do país.

Tendo em vista que a comunicação abriga uma vasta área multidisciplinar, está praticamente presente em todas as formas de interação social, ela é uma ferramenta importante na eficácia e nos resultados convincentes. Conforme Torquato (1991, p. 162), “a comunicação exerce também um formidável poder. Por meio da comunicação, uma pessoa convence, persuade, atrai, muda idéias, influi, gera atitudes, desperta sentimentos, provoca expectativas e induz comportamentos”. Por outro lado, neste contexto de globalização e avanço nos instrumentos tecnológicos de comunicação, exige-se que cada vez mais as pessoas tenham acesso ao conhecimento de outros idiomas, como forma de integração ao debate que ocorre em proporções planetárias sobre diversos temas.

Ao se analisar o conteúdo da narrativa, é possível perceber o quanto a construção da identidade cultural está consideravelmente ligada ao valor que a sociedade dá para cada uma das línguas e objetos culturais relacionados. Dessa forma, é importante levar em conta que as famílias de imigrantes que chegaram ao Brasil no período dos anos de 1800, do século passado, foram consideradas como integrantes de classes sociais menos favorecidas econômica e socialmente, justamente pela falta de domínio da Língua Portuguesa e pelo pouco valor atribuído às atividades de economia primária a que se dedicavam. Essa afirmativa remete ao caso dos alunos que chegavam à idade escolar apenas dominando o idioma falado nas famílias de imigrantes alemães e que se tornavam, potencialmente, bilíngues pela possibilidade de aprendizagem da Língua Portuguesa. Essa oportunidade formativa nem sempre se efetivava, pois as propostas pedagógicas desenvolvidas pelas escolas, na região do Vale do Sinos, negava o primeiro idioma em detrimento do segundo. Como agravante, a posição de desfavorecimento social das famílias e o desconhecimento do idioma oficial brasileiro não lhes permitia reivindicar o direito a outro tipo de ensino em que a língua materna das famílias não fosse negada.

Assim, é importante lembrar que muitos dos problemas que emergem nas salas de aula se encontram alicerçados nesses lapsos de políticas educativas e na falta de propostas diferenciadas entre

as comunidades escolares. É preciso desenvolver um conteúdo mais significativo e voltado para os interesses da maioria da população, mesmo que esta seja culturalmente minoritária. Assim, conforme ressalta Martins (2000, p.146), “o centro do processo não será o aluno nem o professor, nem os meios, mas a prática social. Professor e aluno passam a trabalhar coletivamente em vista da consecução de um objeto comum”.

Neste momento, vale lembrar de um momento da narrativa em que, no primeiro ano de vida escolar, o sujeito, em vez de vivenciar atividades que promovessem sua integração à realidade da escola, como processo fundamental para efetivar suas aprendizagem e significar o espaço escolar, foi proibido de se comunicar no único idioma que conhecia, ou seja, como na escola só se poderia falar em Língua Portuguesa, toda sua possibilidade de comunicação oral foi negada. Talvez tal ocorrência não tenha tido essa intencionalidade por parte do professor, mas a situação em que o país se encontrava, diante da Campanha de nacionalização<sup>3</sup> em prol dos valores nacionais, denotava claramente sua posição político-ideológica.

A nação, ao desencorajar as crianças a não desenvolver sua língua materna, realiza um ato que pode ser visto como desperdício e também uma violação aos direitos da criança, que, mesmo pertencendo a um grupo minoritário, merece reconhecimento e valorização de sua diversidade cultural. O sujeito bilíngue, pelo fato de falar outro idioma que não seja o nacional, não significa que goste mais de outro país, ou seja, que prefere outra cultura.

### ASPECTOS MOTIVADORES...

Criar as condições para a existência de troca de informações é uma característica permanente das escolas, aumentar a integração faz parte dos esforços realizados para mudar o clima organizacional e, conseqüentemente, o clima social. A motivação é um meio fundamental para se concretizar a integração

<sup>3</sup> **Campanha de nacionalização** foi o conjunto de medidas tomadas durante o Estado Novo para diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e forçar sua integração junto à população brasileira (SEYFERTH, 1999, p. 345).



dos indivíduos, seja qual for o espaço. Conforme comenta Lück (2001, p. 46), “é o empurrão ou a alavanca que estimula as pessoas a agirem e a se superarem. A motivação é a chave que abre a porta para o desempenho com qualidade em qualquer situação, tanto no trabalho, como em atividades de lazer, e também em atividades pessoais e sociais”.

A educação tem como missão garantir o conhecimento e a valorização sobre a diversidade cultural construída pela espécie humana e tomar consciência das semelhanças e da independência entre todos os seres humanos do planeta. O ser humano, em relação à condição de descoberta do outro, necessariamente passa pela descoberta de si mesmo. Nesse sentido, reforça-se a importância da pesquisa autobiográfica, que leva a dar um novo sentido à vida pelo autoconhecimento e pela compreensão das individualidades de cada um.

Hoje, ao analisar os dados obtidos através desta pesquisa, percebe-se o quanto os antecedentes familiares são determinantes na constituição da identidade cultural do sujeito e como as demais famílias de origem alemã tiveram negada a garantia de manutenção de seu patrimônio cultural, principalmente no que se refere aos aspectos linguísticos, em função de políticas públicas educacionais que se transcreveram em práticas pedagógicas excludentes e favorecedoras de uma cultura hegemônica.

Nesse sentido, vale destacar a persistência que esses imigrantes tiveram para alcançar os objetivos que eles haviam traçado, mesmo nas situações precárias em que, muitas vezes, viviam. Muitas marcas foram deixadas e ainda estão sendo construídas pelos descendentes alemães no Brasil, conforme o relato descrito por Schilling, (1992, p. 35), “a riqueza da contribuição cultural alemã não se deu apenas na sucessão de verbetes utilizados pela modernidade. Foram influentes também por outras razões tal terem articulados dois grandes atributos perenes da atividade pensante: a originalidade e a disciplina”. Assim, ainda hoje se pode notar nas comunidades que esses valores destacados contribuíram muito para o desenvolvimento da região do Vale do Sinos. Ao se ouvir os relatos dos imigrantes da primeira e da segunda geração, percebe-se o quanto a vida foi ficando mais fácil nas cidades da região.

## POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA A INTEGRAÇÃO CULTURAL

A vida do ser humano está repleta de desafios, os quais nos desacomodam em busca da autorrealização. No entanto é preciso muita garra e determinação para enfrentá-los. O conhecimento resulta de uma interação do sujeito que conhece com o objeto a ser conhecido. Sem conhecer as interações, não há como educar crianças e jovens numa perspectiva de humanização necessária para subsidiar políticas públicas e práticas educativas e solidárias. O conhecimento se dá a partir da ação ativa e interativa da criança sobre a realidade.

Possibilitar é tornar possível... Ao questionar essa expressão e pensar na história de vida analisada, vê-se seu intenso significado. A nossa vida é cheia de possibilidades e fazemos nossas escolhas de acordo com nosso contexto, nossos desejos e ideais. Para se atingir os objetivos e os desafios que a educação escolar hoje propõe em relação à preservação do patrimônio cultural e o direito à manifestação das diversidades, numa perspectiva dialética, é necessário que o educador tenha clareza de seu compromisso social em relação ao desenvolvimento integral dos sujeitos.

Nesse sentido, compreende-se a importância da preservação da cultura e das variações culturais que se constituem a partir dos processos de socialização. Ao falar em cultura, neste momento, quero me deter mais especificamente à cultura germânica, que está buscando cada vez mais ressignificar sua história e seus valores, tendo em vista a marcada diminuição de pessoas bilíngues na região do Vale do Sinos.

A Campanha de Nacionalização do ensino público do Governo de Getúlio Vargas e a proibição da fala da língua alemã no Brasil se constituíram como fatores determinantes para a constituição desse quadro, que só não foi mais agravado pela existência de uma ação contracultural que fomentou a criação de escolas comunitárias, nas quais as aulas eram ministradas em alemão, como estratégia para manter viva a chama da cultura germânica.

Através do relato, percebe-se que muitas pessoas de origem alemã deixaram de defender o direito à preservação de sua cultura por influência da campanha de nacionalização e também pela proibição do uso do idioma em espaços públicos. No caso das crianças, mesmo que tenham

nascido em uma família de descendência alemã, quando não aprendem o alemão como primeiro idioma, dificilmente querem aprendê-lo depois de aprenderem a se comunicar em Língua Portuguesa, por considerar a estrutura do idioma germânico mais difícil. Por isso, reforça-se a importância de que as famílias proporcionem contato com a língua de sua cultura através da convivência familiar.

Nesse momento, percebe-se que muitos descendentes de alemães estão buscando referências nas suas origens, estão se mobilizando cada vez mais em busca de espaço para a divulgação das suas tradições. No município de Santa Maria do Herval, onde transcorreu a narrativa autobiográfica analisada, encontra-se atualmente uma grande diversidade no que diz respeito à origem das famílias. Esse cenário se deve aos processos migratórios motivados pelo desenvolvimento da indústria de calçados nas últimas décadas, no entanto, ainda predomina a população de origem alemã.

No município, há uma intensa dedicação às tradições germânicas, principalmente no que se refere às danças típicas, às bandas, aos corais, aos artesanatos e à preservação dos prédios em estilo Enxaimel, sem esquecer os principais eventos, Kerb, Festa do Colono e Kartoffelfest, numa busca de preservação e divulgação do estilo de vida dos antepassados.

Vale ainda destacar um trecho da narrativa em que se pode ler: “Confesso que estive um pouco desligada das minhas origens por um tempo, que por felicidade despertei e estou voltando a olhar meu passado, em busca de minha identidade e preservação de minhas origens”. Nesse sentido, este estudo autobiográfico permitiu não só realizar uma reflexão sobre as políticas públicas educacionais em relação ao direito de os cidadãos manifestarem e vivenciarem suas particularidades culturais, mas também como o próprio processo de pesquisa permite um processo autorreflexivo e de tomada de consciência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, que se fundamenta nos dados obtidos a partir de um estudo qualitativo de cunho biográfico, buscou compreender o processo de integração ao espaço escolar e comunitário vivenciado por um sujeito de origem germânica. Com isso, a análise dos dados limita-se a fatos reais,

considerando atitudes, frustrações e expectativas que aparecem ao longo da narrativa e que se articulam ao cenário de influências históricas e pessoais do sujeito.

A criança, ao ingressar na escola, enfrenta um importante desafio em seu percurso de socialização, tendo em vista que, nesse espaço, se estabelecem diversas formas de relação humana e num ambiente diferente do ambiente familiar conhecido até então. As relações afetivas que o educando estabelece com os colegas e professores são de grande importância para o processo educativo, penetrando profundamente na constituição de cada ser.

Nesse sentido, é importante que a escola realize um trabalho comprometido com a realidade na qual se insere, a fim de compreender as características culturais que permeiam a educação dos alunos. É importante também que os pais, de alguma forma, busquem acompanhar e garantir uma formação de qualidade para seus filhos. Para isso, é preciso orientar os pais quanto à importância de estar a par de como a criança se desenvolve, promover projetos escolares mais flexíveis para a integração de outras culturas, oportunizar uma melhor formação dos docentes e exigir políticas públicas de educação mais coerentes com as necessidades locais e regionais. Essas poderiam ser algumas alternativas, que, de forma conjunta e integrada, poderiam auxiliar na valorização e na preservação cultural de diversas regiões do Brasil, em especial, no caso da cultura germânica trazida pelos imigrantes ao Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul.

## REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chequemu na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

DELORS, Jacques. **Educação: Um tesouro a descobrir**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1997.

KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar.** São Paulo: Cortez, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LÜCK, Heloísa et al. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar.** 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática Teórica: para e além do confronto.** 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

SCHILLING, Voltaire. Momentos da moderna cultura alemã. In: SCHILLING, Voltaire et al.

**Culturas em movimento: a presença alemã no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, RS: Riocell, Timm & Timm, 1992.

TORQUATO, Gaudêncio. **Cultura, poder, comunicação e imagem: fundamentos da nova empresa.** São Paulo: Pioneira, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.